

ENSINO SUPERIOR, CURRÍCULO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

André Luiz Cuchiaro (Faculdades Integradas FAFIBE)
Walkiria Graick Carizio (PG – PUC/RS)

Resumo: O artigo tem por objetivo apontar a importância da construção do currículo dos cursos de ensino superior de forma plural, atendendo as aspirações da comunidade local e interesses do corpo docente e discente. Acreditamos que a cultura não pode ser transmitida de forma acabada, mas sim como um espaço que está em construção permanente. O currículo tem sido visto como um documento neutro e intocável, o qual pode ser aplicado a qualquer tempo e classe social. Esse conceito precisa ser modificado para que o ensino superior possa contribuir com a formação integral do cidadão e prepará-lo de maneira que ele não fique à margem do mercado de trabalho.

Palavras-chave: currículo; ensino superior; Pedagogia.

1. Introdução

A história da educação brasileira apresenta claramente o quanto a classe dominante utilizou-se do ensino para impor, de forma sutil em alguns momentos e, em outros declarada, a sua “verdade”.

Nestes pouco mais de 500 anos da educação brasileira, esta passou por vários momentos distintos, decretos e leis foram instituídos e reformados até chegarmos a nossa atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em dezembro de 1996.

A função primordial da escola seria a de reunir pessoas imaturas e especialistas em educação, onde por meio de um currículo preexistente seriam passados e cobrados os conhecimentos adquiridos por esses primeiros. O capitalismo trouxe outra função a este ambiente, a concepção da escola passou a ser então a de classificar e reclassificar pessoas das diferentes classes sociais de acordo com suas capacidades inatas (CUNHA, 1975).

Parece que a atual LDB não possui direcionamentos muito distantes dos apresentados acima, tendo em vista seu forte caráter neoliberal (SAVIANI, 2000).

Neste artigo vamos nos ater ao ensino superior e a formação dos profissionais formados por ele. Inicialmente trataremos do tema – currículo, ideologia e manipulação – em que pretendemos mostrar as relações de poder que envolvem a elaboração do currículo de um curso superior. Pensamos currículo como construção de um conhecimento a ser discutido, permeando as relações e conflitos sociais e não apenas como um conjunto de disciplinas que formam uma grade curricular. Posteriormente será feita a relação entre currículo e formação profissional, apontando as deficiências na formação profissional do cidadão, provindas de currículos construídos e/ou aplicados de forma alienada.

Finalmente apresentaremos as considerações finais sobre o tema proposto.

2. Currículo, ideologia e manipulação

Utilizando o significado literal da palavra currículo, pode-se dizer que este pode ser definido como o percurso que leva à aquisição de conhecimentos que possam fazer

do indivíduo submetido a ele um profissional que domina sua área e está apto a exercer funções na mesma (MOREIRA & SILVA,2000).

Não se pode falar de currículo sem levantar a questão da ideologia. A ideologia, nesse enfoque, visa sustentar as relações de poder, impondo os interesses da classe dominante como universais.O currículo na escola, em sua visão tradicional, é utilizado como instrumento de controle social e da ordem que deve ser estabelecida.

A educação, dentro do currículo tradicional constitui-se em um dos principais dispositivos através dos quais a classe dominante impõe seus pensamentos, garantindo assim que a estrutura social existente permaneça inerte.

No Brasil, passamos por diferentes tendências de ensino – higienista, militarista, pedagogicista, tecnicista, todas norteadas de acordo com os interesses políticos de cada momento.

O currículo dentro dessa concepção está intimamente ligado, portanto, às relações de poder e ideologia dos dominantes. Por meio do currículo, a classe dominante, expressa e impõe sua visão de mundo, a sua “verdade”. Neste modelo, professores e estudantes são concebidos apenas como transmissores e receptores de informação seus processos de construção e representação não são levados em consideração.

Considerando nosso enfoque, o ensino superior, os currículos dos cursos de graduação muitas vezes são elaborados de forma unilateral, não existindo a participação dos alunos na elaboração de seus conteúdos e, muitas vezes nem ao menos dos professores.

Curriculos de Instituições renomadas são freqüentemente tidos como base para a elaboração dos currículos de instituições menores, estas últimas não levam em consideração os aspectos sociais e culturais de sua região e muitas vezes não sabem se quer de que forma ocorreu a formulação do currículo da Instituição que serviu como base.

O currículo não pode mais se sustentar dessa maneira. Há necessidade da elaboração de um currículo social onde as diferentes ideologias possam ser contempladas e os cidadãos “passem a ter direitos a ter direitos”, a igualdade e a diferença, onde as diferentes visões de mundo possam ser levadas em consideração e respeitadas (DAGNINO,1994; MOREIRA & SILVA,2000).

A cultura não deve ser transmitida como um produto acabado, mas sim um espaço para constante construção, respeitando os diferentes movimentos sociais. Dessa forma acreditamos que o ensino superior poderá formar profissionais competentes, dinâmicos e comprometidos com a sociedade.

3. Currículo e formação profissional

A alienação do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho é uma das características do modo de produção capitalista em que vivemos.

No caso da elaboração e implementação do currículo este vem “de cima para baixo”, alienando o professor do processo de discussão, este passa a ser apenas um executor de tarefas. O aluno acaba por receber conhecimentos desconectados entre as disciplinas e com o mercado de trabalho, não conseguindo estabelecer conexões entre o conteúdo recebido no ensino superior e o que o mercado de trabalho exige dele: “o currículo tem como componentes solidários - objetivos, conteúdos e métodos. O solidário significa que não se pode alterar um dos componentes sem que se altere os outros dois.” (D'AMBROSIO, 1998 p.27).

Percebemos, portanto, a complexidade exigida na elaboração do currículo de um curso superior e a necessidade da participação do corpo docente e discente na elaboração dele. Os cursos de formação de professores não têm se preocupado em destacar as possibilidades de intervenção dos professores na elaboração dos currículos, que são deixados a cargo dos especialistas. (BACCAGLINI, 2000). Muitas vezes esses especialistas não têm contato com a realidade local, elaborando currículos desconexos com as expectativas dos professores e comunidade.

Tais currículos serão empregados na formação de futuros profissionais que ao completarem seu curso estarão descontextualizados das exigências do mercado local, tendo dificuldades para empregar seu conhecimento.

O currículo tem sido visto como um documento neutro e intocável, o qual pode ser aplicado a qualquer tempo e classe social.

A formação do profissional deve ser direcionada ao que se espera que ele faça no mercado de trabalho, deve ser quebrada a excessiva importância dada aos conteúdos isolados, organizados como disciplina.

Não estamos propondo a formação de mão-de-obra alienada para sustentar o capitalismo, mas sim que os futuros profissionais formados pelas instituições de ensino superior, assim como os professores, tenham participação efetiva na construção do currículo de seus cursos, podendo assim receber uma boa formação e em condições de destacar-se profissionalmente, podendo detectar e lutar para que sejam respeitados seus direitos como cidadão sem que se coloquem como marginalizados do sistema capitalista e assumam a condição de desfavorecidos e impotentes.

4. Considerações finais

O ensino no Brasil tem sido marcado através dos tempos como forma de controle social e alienação da população.

O ensino superior não fica de fora deste contexto. A cada período de nossa história, nossas faculdades e universidades eram incumbidas de formar defensores do sistema vigente.

O currículo sempre foi utilizado como forma de controle. Mudanças curriculares aconteciam, mas sempre de acordo com os interesses da classe dominante e formulados “de cima para baixo”.

É hora de mudança. Os currículos dos cursos de ensino superior precisam ser formulados tendo a participação de todo seu corpo docente e levando em consideração as necessidades regionais dos discentes.

Os profissionais formados pelas faculdades e universidades brasileiras precisam estar aptos ao mercado de trabalho e capazes de lutar pelos seus direitos e o mais importante, conseguir mudanças.

Todos estamos inseridos dentro do sistema capitalista e temos que nos destacar dentro dele. Não apenas os mais fortes, privilegiados, como quer o sistema, mas todos.

Pensamos não ser mais possível ficarmos nos lamentando das desigualdades do sistema capitalista e nos colocarmos como “coitados”, “sem oportunidades”, e acreditamos que um passo importante em relação a isso seria um currículo elaborado de acordo com a realidade local e dando a oportunidade de uma construção plural.

5. Referências Bibliográficas

BACCAGLINI, Carlos A C. O professor, a construção do currículo e as tecnologias. *Revista de Educação PUC – Campinas*. n.8, junho/2002, p.22-7.

- CUNHA, L. A. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Francisco Alves, 1975.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Formação de professores: um estudo internacional comparativo. *Revista de Educação PUC – Campinas*. v.1, n.4, junho/1998, p. 24-32.
- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1994, 103-115.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). *Curriculum Cultura e Sociedade*. 4^a edição. São Paulo: Cortez, 2000. p. 7 – 38.
- SAVIANI, D. *A nova lei da educação: LDB trajetórias limites e perspectivas*, 6^a edição. Campinas: Autores Associados, 2000.